

Show histórico  
de Carlos Lyra no  
streaming



PÁGINA 2

Nicolas Cage  
condena uso de  
IA no audiovisual



PÁGINA 4

Charlotte  
Rampling brilha  
em 'A Matriarca'



PÁGINA 5

## 2º CADERNO

Reprodução

Camilla Guimarães/Divulgação



O MPB4, em sua formação original, e Chico Buarque defendendo 'Roda Viva' no Festival da Record de 1967



O MPB4 em sua formação atual, com Dalmo Menezes e Paulo Malagutti, substituindo Ruy e Magro

# Muito mais que uma sigla

Em suas comemorações de 60 anos, o **MPB4** faz o show de lançamento do álbum que celebra a data

**C**om vasta folha de serviços prestados à música popular brasileira, nos bons e maus momentos do país, o MPB4 completa neste mês de julho 60 anos de existência como quarteto vocal. Sim, como quarteto, pois até a chegada de Magro Waghbi (1943-2012), Aquiles, Miltoninho e Ruy (1937-2018) formavam um trio ligado ao Centro Popular da Cultura (CPC), da União Nacional dos Estudantes, em Niterói. Vem daí o senso de engajamento do grupo, que sempre devotou sua arte ao debate das grandes causas nacionais e, sobretudo, a defesa da democracia, a resistência durante os anos de chumbo.

A celebração dessas seis décadas começou no último dia 5 com a chegada às plataformas digitais do álbum "60 anos de MPB" (Biscoito Fino), um recorte do que existe de melhor na nossa canção popular. Dedicado ao Quarteto em Cy e aos fundadores do grupo Magro e Ruy, o trabalho conta com participações luxuosíssimas de Alceu Valença, Chico Buarque, Dori Caymmi, Edu Lobo, Francis Hime, Guinga, Ivan Lins, João Bosco, Kleiton & Kleidir, Milton Nascimento, Paulinho da Viola e Toquinho. Nesta quarta-feira (10), às 20h, a atual formação do MPB4 - Aquiles, Miltoninho, Dalmo Medeiros e Paulo Malagutti - sobre ao palco do Teatro Riachuelo para o show de lançamento do disco.

A apresentação tem direção do jornalista Hugo Sukman. "É impossível resumir a história do MPB4, tão vasta e do tamanho exato da música brasileira em sua fase mais rica; mas,

no show, nós tentamos contar essa história por meio da ideia contida na música inicial de Milton Nascimento e Fernando Brant: 'Notícias do Brasil'. A cada canção do espetáculo e de sua história, o MPB4 faz isso: traz, boas ou más, notícias do Brasil", conta.

O show também terá convidados que fazem parte da história do MPB4: Dori Caymmi, que fez os arranjos deste álbum comemorativo e gravou com o grupo na faixa "O Cantador", parceria dele com Nelson Motta; Sonya Ferreira (Quarteto em Cy); João e Chico Faria, filhos dos saudosos Ruy e Cynara (1945-2023), que fez parte do Quarteto em Cy de 1964 até sua morte.

Sukman adiante que, no espetáculo, estará a primeira música gravada pelo MPB4 e as mais recentes. No roteiro, canções que estão no novo álbum, como "Velas Içadas" (Ivan Lins e Vitor Martins), "Paz e Amor" (Kleiton Ramil e Kleidir Ramil), "Angélica" (Miltoninho e Chico Buarque) e a já citada "O Cantador" (Dori Caymmi e Nelson Motta). E é claro que não vão faltar clássicos do repertório do MPB4, caso de "Amigo é Pra Essas Coisas" (Silvio da Silva Jr e Aldir Blanc) e "Roda Viva" (Chico Buarque).

"Como o MPB4 evoluiu nesse arco de 60 anos. E, ainda assim, é exatamente o mesmo", destaca Sukman.

### SERVIÇO

**MPB4 - 60 ANOS DE MPB**

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 40) | Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 160

# Lyra de saudades

Registro de show histórico de um dos pais da Bossa Nova, enfim, chega ao streaming

Lívio Campos/Divulgação



**Membro da geração da Bossa Nova, Lyra foi compositor do primeiro time da MPB**

**C**hegou às plataformas de música nesta terça-feira (9) o álbum que reproduz na íntegra o projeto “Carlos Lyra – 50 anos de música”, show lançado em DVD há exatos 24 anos. Gravado no icônico Caneção, extinta casa de shows de Botafogo, o espetáculo celebrava os 50 anos de carreira de Carlos Lyra (1933-2023) à época, e seu registro permanecia inédito no streaming. As imagens captadas no show também estão disponíveis no canal oficial da gravadora Biscoito Fino no Youtube.

Considerado o maior criador de melodias da Bossa-Nova, ao lado de Tom Jobim, Carlos Lyra reuniu clássicos de seu repertório neste espetáculo, como “Minha Namorada”, “Coisa Mais Linda”, “Primavera” (todas com Vinícius de Moraes); “Lobo Bobo” e “Saudade Fez um Samba”, com Ronaldo Bôscoli; “O Negócio é Amar”, com Dolores Duran;

“Aruanda”, com Geraldo Vandré, além de canções que compôs sozinho, como “Maria Ninguém”, “Influência do Jazz”, “Um Abraço no João” e “Tem Dó de Mim”.

O registro histórico conta ainda com a participação de amigos de geração e de Bossa, como Marcos Valle, Leny Andrade, Os Cariocas (com o saxofonista Leo Gandelman), Roberto Menescal, Wanda Sá e João Donato (com Emílio Santiago). Artistas como Ivan Lins, Antônio Adolfo, Miúcha, Leila Pinheiro e Toni Garrido completam o time de convidados, ao lado da filha, Kay Lyra, e do sobrinho Claudio Lyra, cantor e compositor.

O lançamento de “Carlos Lyra – 50 anos de música” nas plataformas digitais é também uma homenagem ao compositor - que nos deixou em dezembro de 2023, aos 90 anos -, dono de uma obra imponente, para muito além da Bossa Nova que ajudou a criar.

# Uma artista em autoconhecimento

Com um som leve, positivo e minimalista, a cantora e compositora Nay Porttela apresenta seu segundo álbum, “Garoa”, nas principais plataformas digitais. Com repertório inédito e inteiramente autoral, o disco sucede “Viradela” (2023) e inclui colaborações com a artista francesa REB na faixa bilíngue Todas as coisas / Toutes les choses e parceiros como a poeta Ana Souza nas letras das músicas.

Luciano Porttela e Rafael Paz integram o time de mixagem e masterização do álbum, gravado no estúdio Banana Música, em Goiânia, entre dezembro e janeiro últimos. Num período marcado por intensas chuvas, Nay produziu o disco trazendo ao ouvinte a sensação de estar presente, mantendo o som da chuva em praticamente todas as faixas.

“Garoa é um revelar, uma imer-

Cantora e compositora estreia segundo álbum autoral com leveza e esperança de dias melhores

são sobre a experiência de autoconhecimento, a importância de se aceitar por completo. É sobre ser você mesmo, aprender com a vida”, explica Nay.

O trabalho é um álbum visual gravado em Salvador e será lançado nesta sexta-feira (12). A cantora criou todo o figurino que vestiu nas filmagens, honrando sua formação acadêmica em Design de Moda. “A moda sempre foi, para mim, uma forma de me comunicar e expressar. Eu modelo, corto e costuro todos os meus figurinos de shows para transmitir, através do visual e do figurino, uma experiência que vai além da música”, conta.

Os quatro meses que antecedem o disco foram de lançamentos dos singles que anunciaram a sonoridade deste novo trabalho que carrega consigo um senso de brasilidade, apresentando a bagagem artística e musical que a cantora vem construindo, em um compilado de músicas que trazem memória afetiva e seu amor pela MPB. “Garoa é leveza, sensibilidade, alívio, inspira o autoconhecimento e a busca do seu lugar no mundo”, conta Nay.

As 10 faixas do álbum têm a temática girando em torno de uma mistura de MPB, samba e bossa nova. A cantora promete um novo som minimalista em Ga-



**Nay Porttela, cantora e compositora goiana**

roa, com vocal em primeiro plano, Nay Porttela transforma em mantras um repertório que cura feridas abertas em músicas como Nada pode me afastar de quem eu sou, terceiro single do disco lançado em junho, uma das bossas no repertório do disco.

“Garoa” equilibra influências clássicas e contemporâneas da artista que se apropria das tradições musicais sem rupturas estéticas. Até porque Nay é herdeira dessas tradições quando insere catira (ritmo surgido no Centro-Oeste) na música Multidão, faixa 6 do álbum.

Divulgação

# 'Populismo e identitarismo são ameaças à democracia'

Divulgação



Conhecido por suas análises sobre as crises da democracia, Yascha Mounk é categórico ao afirmar que o sistema só pode ser preservado superando as ameaças da direita e da esquerda

Cientista político Yascha Mounk, da Universidade Johns Hopkins, fala sobre a crise das democracias no ciclo Fronteiras do Pensamento

Por Daniel Salgado (Folhapress)

**A** democracia está sendo abertamente desafiada pelo populismo e o identitarismo, e não se trata de uma ameaça passageira. Para sobreviver, as instituições liberais vão precisar superar ataques vindos tanto da esquerda quanto da direita.

Foi esse o diagnóstico apresentado pelo escritor e pesquisador Yascha Mounk na noite desta segunda-feira (8) no ciclo Fronteiras do Pensamento.

Autor de livros como "O Grande Experimento" e "O Povo Contra a Democracia"

e professor de Prática de Assuntos Internacionais da Universidade Johns Hopkins em Washington, Mounk defendeu que, apesar de recentes vitórias, as democracias liberais seguem abaladas por uma crise de legitimidade.

"A democracia não funciona em zero e um absolutos. Mesmo quando se pensa que um candidato foi derrotado, ele pode facilmente voltar em quatro ou oito anos. Não foi só um momento. Não foi só 2016", disse o professor da Universidade John Hopkins, se referindo ao ano marcado pelo Brexit no Reino Unido e pela eleição de Donald Trump nos Estados Unidos.

Para o autor, os efeitos da atual "era do

populismo" já podem ser percebidos e descritos, ainda que essas transformações sigam em curso.

"Não se trata de 'os mocinhos' vencerem e está tudo sob controle, nem de 'os vilões' ganharem e está tudo acabado. O impacto do populismo é mais sutil do que isso", argumentou Mounk. Para ele, o resultado da crise política é uma erosão dos pilares fundamentais que sustentam os regimes democráticos.

O primeiro deles é o consenso de que as decisões da sociedade devem ser tomadas coletivamente e não por ditadores. O outro, a defesa da liberdade individual, incluindo a proteção dos indivíduos contra imposições da maioria. Venezuela, Hungria e Turquia foram citados como exemplos mais extremos da vitória dessa retórica autoritarista dentro dos regimes democráticos.

O que explica esse fenômeno de proporções globais? Para Mounk, há três razões identificáveis: a estagnação da qualidade de vida, o fortalecimento das redes sociais, que

abriu caminho para outsiders políticos, e o ressentimento causado por novas conquistas de inclusão social.

Mas foi o surgimento de um quarto fator que levou o autor a escrever "A Armadilha Identitária", seu livro mais recente. Segundo o escritor, o identitarismo é uma nova ideologia que ganhou tração nas elites de Estados Unidos e Europa, apesar de divergir fundamentalmente dos valores dos "cidadãos comuns".

Para Mounk, o movimento considera que os valores universalistas da democracia são uma "maneira de obscurecer a natureza racista e sexista da sociedade" e incapazes de realizar transformações sociais verdadeiras. A luta pela igualdade, então, só seria possível através da organização dos indivíduos em torno de grupos específicos, sejam eles étnicos, de gênero ou de sexualidade.

Em última instância, argumentou Mounk, se trata de um movimento em que aspirações sociais coletivas são substituídas por "conflitos de soma zero" entre diferentes grupos. Do acesso à saúde pública ao tratamento no ambiente de trabalho, tudo ficaria condicionado a essas divisões.

Mas não foi através desse processo que as transformações sociais mais importantes foram conquistadas, disse o historiador alemão. Para ele, movimentos como o abolicionismo nos Estados Unidos angariaram apoio ao mostrar como os valores democráticos universais deveriam valer para todos na prática -independentemente de suas origens.

"A habilidade de apelar aos demais cidadãos, mostrando que se está sendo tratado injustamente, apesar dos valores que você diz levar a sério, foi muito importante na busca da igualdade política", disse.

No frígido dos ovos, há pouco que separe os resultados do populismo de direita e do identitarismo de esquerda, defendeu Mounk. Ambos minam os fundamentos da democracia liberal.

"Esses discursos parecem profundamente opostos, mas se reforçam. Eles fazem com que os cidadãos olhem para as instituições e digam 'não confiamos em vocês e estamos dispostos a votar nos extremistas para nos proteger'", apontou o analista político.

Conhecido por suas análises sobre as crises da democracia, Mounk foi categórico ao afirmar que o atual sistema só pode ser preservado superando as duas ameaças. "Não é possível vencer um sem vencer o outro."

O ciclo Fronteiras do Pensamento de 2024 terá palestras com nomes como Nouriel Roubini, Anna Lembke e Simon Montefiore e já contou com a participação de Stuart Russell e Muriel Barbery.

## CORREIO CULTURAL

Divulgação



'Cidade Campo', de Juliana Rojas: destaque na lista

## Festival de Gramado anuncia filmes de sua seleção oficial

O Festival de Cinema de Gramado anunciou a seleção oficial de sua 52ª edição, que acontece entre 9 e 17 de agosto. Entre os destaques, estão novos filmes de Juliana Rojas e Anna Muylaert. A primeira apresenta "Cidade; Campo", que trata de migrações. A segunda, "O Clube das Mulheres de Negócios".

## Sucesso imediato

Recém-lançada no catálogo da Netflix, "Pedaço de Mim" alcançou o terceiro lugar no ranking mundial da plataforma, segundo dados do site "Flixpatrol.com" nesta segunda-feira (8). O melodrama escrito por Ângela Chaves já lidera a lista no Brasil.

## Influenciadores

Armando Babaióf colocou lenha na fogueira contra a escalação de influenciadores em novelas. "Nessa altura do campeonato substituir gente talentosa para colocar uma pessoa que é conhecida na internet e que não é a praia dela", atacou.

Elas se juntam a Aly Murtiba, Marcos Jorge, Eliane Caffé, Erico Rassi e Dira Paes na competição de longas nacionais, que disputam o tradicional Kikito. Os cineastas apresentam, respectivamente, "Barba Ensopada de Sangue", "Estômago 2: O Poderoso Chef", "Filhos do Manguê", "Oeste Outra Vez" e "Pasárgada".

## Sucesso imediato II

Com o título "Desperate Lies" ("Mentiras Desesperadas"), a série virou um sucesso na Argentina, Uruguai e Nicarágua e lidera o ranking. O drama estrelado por Juliana Paes também conquistou espectadores na Bolívia, Chile, Equador, Peru e Portugal.

## Influenciadores II

Recentemente, Cláudia Abreu também comentou o assunto. Para a atriz, a contratação de influencers em novelas é algo passageiro. "O tempo vai dar conta disso. É um fenômeno atual e não acho que dura. A arte é muito forte e resiste", disse

*'Tenho medo dessa tecnologia e tenho sido muito duro em relação a isso'*

Nicolas Cage ataca inteligência artificial e diz que não aceita ser recriado em filmes e séries depois de morto

**A** utilização de ferramentas de inteligência artificial continua gerando polêmica no segmento audiovisual. Desta vez a bronca partiu do astro Nicolas Cage. Em entrevista à revista americana *The New Yorker*, o ator revelou que tem medo do uso da chamada IA no cinema e na televisão e que espera que escaneamentos do seu rosto e do corpo, feitos recentemente para duas produções, não sejam usados após a sua morte.

"Eles me puseram num computador, verificaram se as cores dos olhos estavam corretas e aí mudaram... sei lá o quê", disse ele na entrevista, ao comentar sobre dois projetos em que precisou criar versões digitais suas, uma série do Homem-Aranha Noir e um longa-metragem.

"Eles vão roubar meu corpo e fazer o que quiserem com ele a partir de inteligência artificial. Deus, eu espero que não. Eu tenho medo dessa tecnologia e tenho sido muito duro em relação a isso. Me faz pensar onde a verdade dos artistas vai acabar", continuou.

"Será substituída? Transformada? Metamorfoseada? Qual será o coração do ofício? Quero

Reprodução



**Nicolas Cage critica o avanço da IA e questiona o limite da autenticidade do trabalhos dos artistas daqui pra frente**

dizer, o que vocês farão com meu rosto e meu corpo quando eu morrer? Eu não quero que algo seja feito", questiona o ator de 60 anos, coprotagonista de "Vínculo Mortal", de Oz Perkins, com estreia marcada para 1º de agosto.

Neste longa, uma agente do FBI é convocada para reabrir um caso arquivado de um serial killer, vivido por Cage. Conforme desvenda pistas, Harker se vê confrontada com uma conexão pessoal inesperada com o assassino.

Sobrinho do cineasta Francis Ford Coppola, Cage estreou nas telas em 1982, aos 18 anos, com um pequeno papel na comédia

"Picardias Estudantis". Seu primeiro sucesso foi "Arizona, Nunca Mais" (1987), mas tornou-se mais conhecido pelo grande público por seus papéis em "Despedida em Las Vegas" (1995), "A Outra Face" (1997) e "O Senhor das Armas" (2005). De uns tempos para cá, fez papéis excêntricos em filmes como "Motoqueiro Fantasma" (2011) e "O Peso do Talento" (2022).

Cage recebeu vários prêmios por suas atuações, incluindo um Oscar, um Screen Actors Guild Award e um Golden Globe Award.

O uso de inteligência artificial para recriar a aparência e a voz de atores, vivos ou mortos, vem gerando polêmica em Hollywood e foi um dos principais pontos discutidos na greve de atores e roteiristas encampada nos Estados Unidos no ano passado.

Divulgação



Charlotte Rampling empresta seu talento GG a uma figura materna fora da caixinha em 'A Matriarca'

# A mãe do cinema 'indie'

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**N**o rol de grandes atrizes em fase ousada que mais trabalham hoje entre Hollywood e o Velho Mundo, a inglesa Charlotte Rampling caminha para os 80 anos angariando, há cerca de uma década, um prestígio que faz justiça à farta experiência em seu currículo. Concorreu ao Oscar, em 2016, por "45 Anos", drama que lhe rendeu o Urso de Prata. No ano seguinte, recebeu a Copa Volpi do Festival de Veneza por sua interpretação em "Hannah", um de seus hits.

Teve ainda críticas calorosas a tecerem loas por seu trabalho em "A Matriarca", que dá o ar de sua graça em nosso circuito nesta

Semana Santa. É um dos longas-metragens que mais e melhor exploram um ferramental cênico que custou a ser reconhecido, apesar da associação de sua imagem a causas de equidade e empoderamento feminino. Dona de uma mirada vítreia, a estrela britânica nascida em Essex completa seis décadas de carreira este ano, tendo feito sua primeira participação não creditada nas telas em "Os Reis do Iê-Iê-Iê" (1964), com os Beatles.

Brilhou em "Os Deuses Malditos" (1969), de Luchino Visconti (1906-1976), mas foi ao lado de Sean Connery (1930-2020), em "Zardoz" (1974), que despontou como candidata a diva. No mesmo ano, protagonizou o polêmico (mas, essencial) "O Porteiro da Noite", que

Apoiado em atuação magistral de Charlotte Rampling, 'A Matriarca' vira sensação nas plataformas de streaming com seu debate sobre etarismo

garantiu à direita Liliana Cavani um status de realizadora autoral.

Nos anos seguintes, Charlotte saltitou entre papéis de quilates distintos, somando cerca de 130 títulos em sua jornada pelas telas, que foi coroada com o Urso de Ouro Honorário da Berlinale, em 2019. Nunca negou o convite de franquias hollywoodianas, vide sua presença no sucesso "Duna - Parte II", de Denis Villeneuve, que faturou cerca

de US\$ 700 milhões. No entanto, são as pequenas produções, como "A Matriarca" ("Juniper" no original), hoje em detsaue no streaming, no [www.clarotvmais.com.br](http://www.clarotvmais.com.br), que valorizam seu passe. Por aqui, esse drama de leves tintas cômicas virou uma sensação na streaminguesfera.

O roteiro e a direção são de Matthew J. Saville, um ator neozelandês, diretor de curtas, que faz sua estreia no timão dos lon-

gas com base numa trama de tons autobiográficos sobre sua relação com sua avó. A trama que ele filma vai por essa verve nostálgica. A tal "matriarca", Ruth (Charlotte, infalível a cada plano), é uma ex-correspondente de guerra, agora entediada na aposentadoria com um problema com bebida e uma perna recentemente fraturada. Sam (George Ferrier) é seu neto rebelde, recentemente expulso do internato e sofrendo com a morte de sua mãe. Quando os dois são reunidos sob o mesmo teto, eles formam um vínculo inesperado, o que acaba por reaproximar Ruth do filho com quem tem uma relação hostil: Robert, vivido por um áspero Marton Csokas.

Na direção de fotografia, Martyn Williams embrulha uma narrativa de acerto de contas com um louvável equilíbrio na temperatura das cores. A montagem de Peter Roberts também segue uma trilha equilibrada, só derrapando no ritmo nos dez minutos finais, que são um tanto mal editados. Só falta temperança no comportamento da própria Ruth, o que garante cenas nas raias da ironia ao desempenho de Charlotte. A sequência em que ela convoca os colegas de Sam para uma limpeza coletiva em seu lar, coroando a arrumação com uma festança, é o auge da dramaturgia de Saville.

O diretor conversa de modo frontal com outros enredos de reconexões familiares de gerações distintas, como "Aprendendo com a Vovó" (2015), com Lily Tomlyn, e "Num Lago Dourado" (1981), com Jane Fonda e seu pai, Henry, em estonteantes interpretações. O diferencial aqui é a ausência de discursos moralizantes e a habilidade de Charlotte em filtrar qualquer resquício de sentimentalismo no qual o roteiro de Saville resvale, dando um tratamento econômico, contido, aos afetos em cena. Não se trata de um espetáculo para choro farto e incontinente e, sim, de um estudo sobre arrependimentos e convicções, no prisma da renúncia.



Animais Noturnos



Ilha do Sol

**R**esultado de uma residência artística em formato inédito no Brasil, a exposição Lab Cinema Expandido - Rio de Janeiro: Fantasmas, Máscaras e Territórios ocupa todos os andares do Futuros – Arte e Tecnologia, no Flamengo, desta quarta-feira (10) até 1º de setembro. A mostra apresenta videoinstalações sobre o Rio de Janeiro criadas por nove duplas de artistas e pelos cineastas Cao Guimarães e Paz Encina durante o LAB Cinema Expandido, uma residência de formação artística sobre a relação do cinema com outras linguagens, que ocorreu entre junho e setembro de 2023, na Cinemateca do Museu de Arte Moderna. O projeto é coordenado pela cineasta, produtora e artista visual Marina Meliande e pelo cineasta e roteirista Felipe Bragança.

A exposição começa no videowall do térreo, com Tokkotai Paquetá, de Cao Guimarães, que assina a direção, roteiro, fotografia e montagem. A obra foi filmada na ilha de Paquetá e a trilha sonora é do grupo O Grivo. Já no último andar, está instalada a obra Carta a um velho Master, da cineasta paraguaia Paz Encina, uma homenagem a Eduardo Coutinho, filmada no Edifício Master, icônico prédio de Copacabana. A montagem do vídeo é de Jordana Berg, editora dos filmes de Coutinho e dos últimos trabalhos de Paz.

Nos outros andares do centro cultural, o visitante encontra as nove videoinstalações das duplas de artistas exibidas em diversos suportes e ambientes, contando, algumas delas, com objetos de cena. O Rio de Janeiro é o personagem comum de todas as obras, retratado em diversas regiões como a Vila Vintém, Floresta da Tijuca, Ilha do Sol (Baía de Guanabara), Maracanã, Baixada Fluminense, Central do Brasil, Copabana, Paquetá ou em detalhes sutis como o vento que corta a cidade. Ficções e documentários exploram personagens, locais e histórias do imaginário

Exposição reúne experimentos audiovisuais criados em residência artística que uniu cinema e outras linguagens

# Territórios reconfigurados



Paquetá



NVL



Mandinga de Gorila

carioca.

“O tema Fantasmas, Máscaras e Territórios foi proposto para se pensar nas transformações aceleradas dos espaços urbanos brasileiros, em especial a cidade do Rio de Janeiro. Na forma como a cidade, como um corpo vivo, vai reconfigurando seus territórios, assumindo novas identidades, máscaras, que se expressam como novos corpos, novas latitudes, novas representações, e deixam para trás os fantasmas de suas memórias. Falar em fantasmas, máscaras e territórios no Rio de

janeiro de hoje é falar daquilo que a cidade tenta esquecer, daquilo que ela é, e daquilo que ela deseja ser. Esse é o conceito por trás da Residência”, resume Mariana Meliande, idealizadora do LAB.

“Por meio de suas obras, o LAB Cinema Expandido traz uma proposta de reflexão sobre a nossa cidade. Acreditamos que o cinema é uma das principais ferramentas de geração de conhecimento e aprendizado, e ter no Futuros – Arte e Tecnologia uma exposição com obras e filmes que exploram as nuances e

maravilhas do Rio tem tudo a ver com a gente”, comemora Victor D’Almeida, gerente de cultura do Instituto Oi Futuro.

## SERVIÇO

**LAB CINEMA EXPANDIDO - RIO DE JANEIRO: FANTASMAS, MÁSCARAS E TERRITÓRIOS**

Futuros – Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo)  
De 10/7 A 1/9, de quarta a domingo (11h às 20h) | Entrada franca

Roberto Carneiro/Divulgação



# Para pensar o amor e os relacionamentos

**Danilo Maia e Gabriel Flores em cena na montagem de 'Latitudes dos Cavalos'**

Espectáculo 'Latitude dos Cavalos' encerra curta temporada na Cidade das Artes

**A**pós ser assistido por mais de 2 mil espectadores ao longo de seus dois anos de temporada pelo país, o espetáculo "Latitudes dos Cavalos" retorna aos palcos cariocas com apresentações neste sábado e domingo (13 e 14) na Cidade das Artes.

Dirigida por Gabriel Flores e estrelada por ele e Danilo Maia, "Latitudes dos Cavalos" propõe uma profunda reflexão sobre o amor e os relacionamentos. Com diálogos intensos e per-

formances marcantes, os atores exploram temas como masculinidade, trauma, amadurecimento, passado e futuro nas relações amorosas.

O espetáculo nasceu em 2022 e, desde então, já soma mais de 40 apresentações sempre com excelente recepção de público e crítica. Em 2023, a peça recebeu três indicações no 22º Prêmio Cenym de Teatro Nacional: Melhor Texto Original (Gabriel Flores), Melhor Direção de Movimento (Soraya Bastos) e venceu na categoria Melhor

**“***O espetáculo foi concebido em tempos pandêmicos, um momento de total ausência de perspectiva”*

Danilo Maia

Cartaz ou Programação Visual (Thaysa Paulo). Neste ano, Danilo Maia foi indicado por sua atuação ao prêmio APTR na categoria Jovem Talento. “Me sinto muito honrado em poder representar nosso espetáculo em um prêmio tão importante como o da APTR. ‘Latitudes’ foi concebido em tempos pandêmicos, um momento de total ausência de perspectiva, nós não sabíamos sequer se conseguiríamos estreiar a peça de maneira presencial. Hoje, no momento em que caminhamos para mais um novo teatro, receber esse reconhecimento é muito gratificante”, afirma Danilo.

Produzido de forma independente, o espetáculo visa enriquecer a cena cultural ao proporcionar uma experiência profunda ao público ávido por excelentes produções teatrais. No roteiro escrito por Gabriel Flores, a trama narra os conflitos amorosos de dois homens: um tentando encerrar um relacionamento falido e o outro lutando para reconquistar o amor de sua vida. Em um encontro inusitado, eles decidem ajudar um ao outro, interpretando as respectivas mulheres na tentativa de ensaiar suas abordagens.

À medida que a relação entre eles se desenvolve, ensaios e memórias do passado se entrelaçam, desafiando suas certezas e explorando futuros possíveis, enquanto aspectos fundamentais da masculinidade são expostos em cena. Gabriel Flores expandiu o projeto para novos horizontes artísticos ao lançar recentemente o livro “Latitudes dos Cavalos”, que inclui a dramaturgia do espetáculo de mesmo nome, buscando alcançar um público ainda mais amplo.

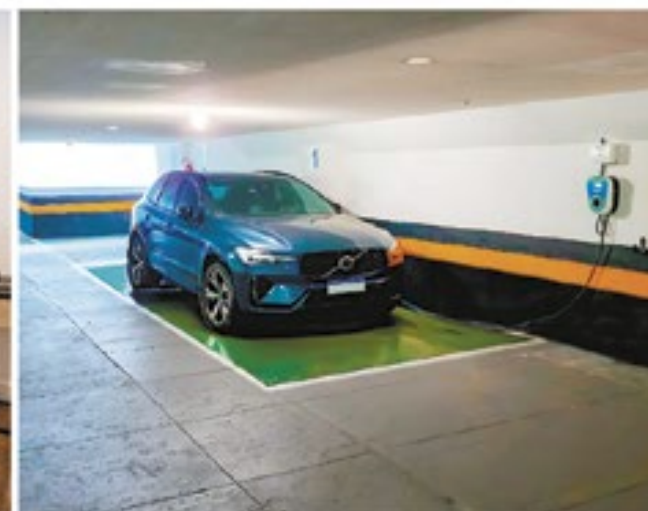
## SERVIÇO

### LATITUDES DOS CAVALOS

Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro)  
13 e 14/7, sábado (20h) e domingo (19h)  
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ